

# A Caminhada

RICHARD  
PAUL EVANS

*Tradução de Luís Miguel Coutinho*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina

## AGRADECIMENTOS

**C**omeço por agradecer ao meu amigo Leo Thomas (Tom) Gandley, que viveu mais este livro do que alguém alguma vez o queria fazer. Bem sei que muitas vezes te foi difícil partilhar a perda da tua própria «McKale» e agradeço profundamente a tua contribuição para esta obra.

Agradeço também a Karen Christoffersen e ao seu amado Al. Que o nome dele continue vivo pelo mundo através destes livros.

Quero agradecer igualmente aos «suspeitos» do costume, com algumas alterações na ordem por que surgem na minha lista. Em primeiro lugar, o meu muito obrigado ao meu amigo e antigo editor Sydney Miner. Foi um prazer trabalhar contigo durante mais de uma década. Desejo-te as maiores felicidades. Amanda, estou desejoso de continuar a caminhada ao seu lado. Obrigado pela sua ajuda.

David Rosenthal e Carolyn Reidy, obrigado por acreditarem no meu projeto para esta coleção.

Não posso esquecer-me de Gypsy da Silva, que suportou os meus horários impossíveis sempre com um sorriso no rosto. Liss foi a minha defensora e amiga. Adoro-te!

O meu profundo agradecimento ao Dr. Brent Mabey e a Caitlin James por me ajudarem na pesquisa. Muito obrigado ao pessoal maravilhoso do Redmond, do Washington e do Marriott, que nos puseram no caminho certo.

O meu muito obrigado também a Lisa Johnson, Barry Evans, Miche Barbosa, Diane Glad, Heather McVey, Judy Schiffman, Fran Platt, Lisa McDonald, Sherri Engar, Doug Smith e Barbara Thompson.

Não podia esquecer, evidentemente, a minha família: Keri, Jenna e David Welch, Allyson-Danica, Abigail, McKenna e Michael. Jenna, mais uma vez obrigado pela tua ajuda, pelo teu amor e pela tua perspicácia. Agora mãos à obra e vê se publicas o teu próprio livro!

Por fim, agradeço, claro, aos meus caros leitores. Bem-vindos à minha caminhada.

— *Richard*

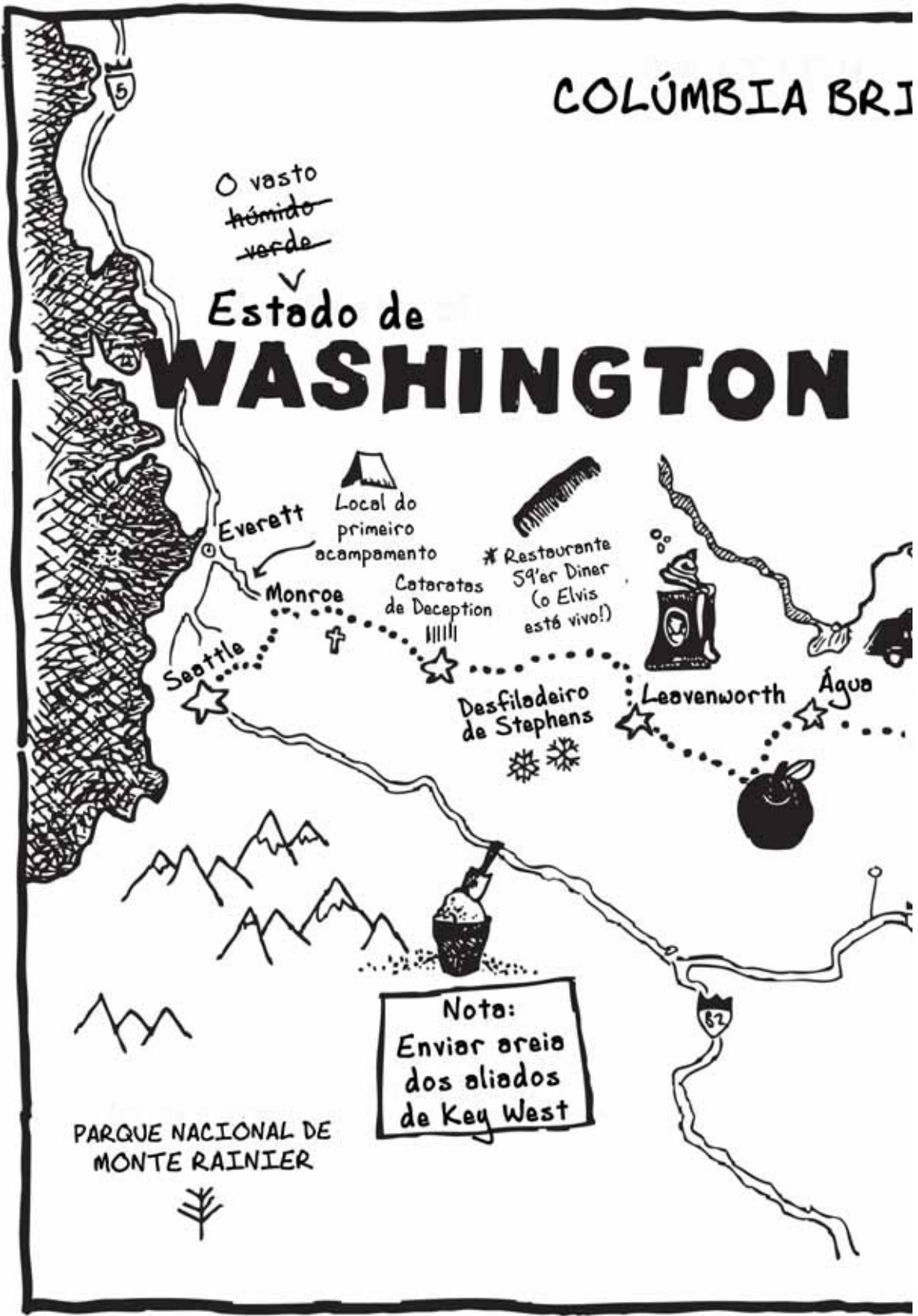
*Ao meu pai, David O. Evans*

# COLÚMBIA BRJ

O vasto  
húmido  
verde

Estado de

# WASHINGTON



Everett

Local do primeiro acampamento

\* Restaurante 59'er Diner (o Elvis está vivo!)

Cataratas de Deception

Seattle

Monroe

Desfiladeiro de Stephens

Leavenworth

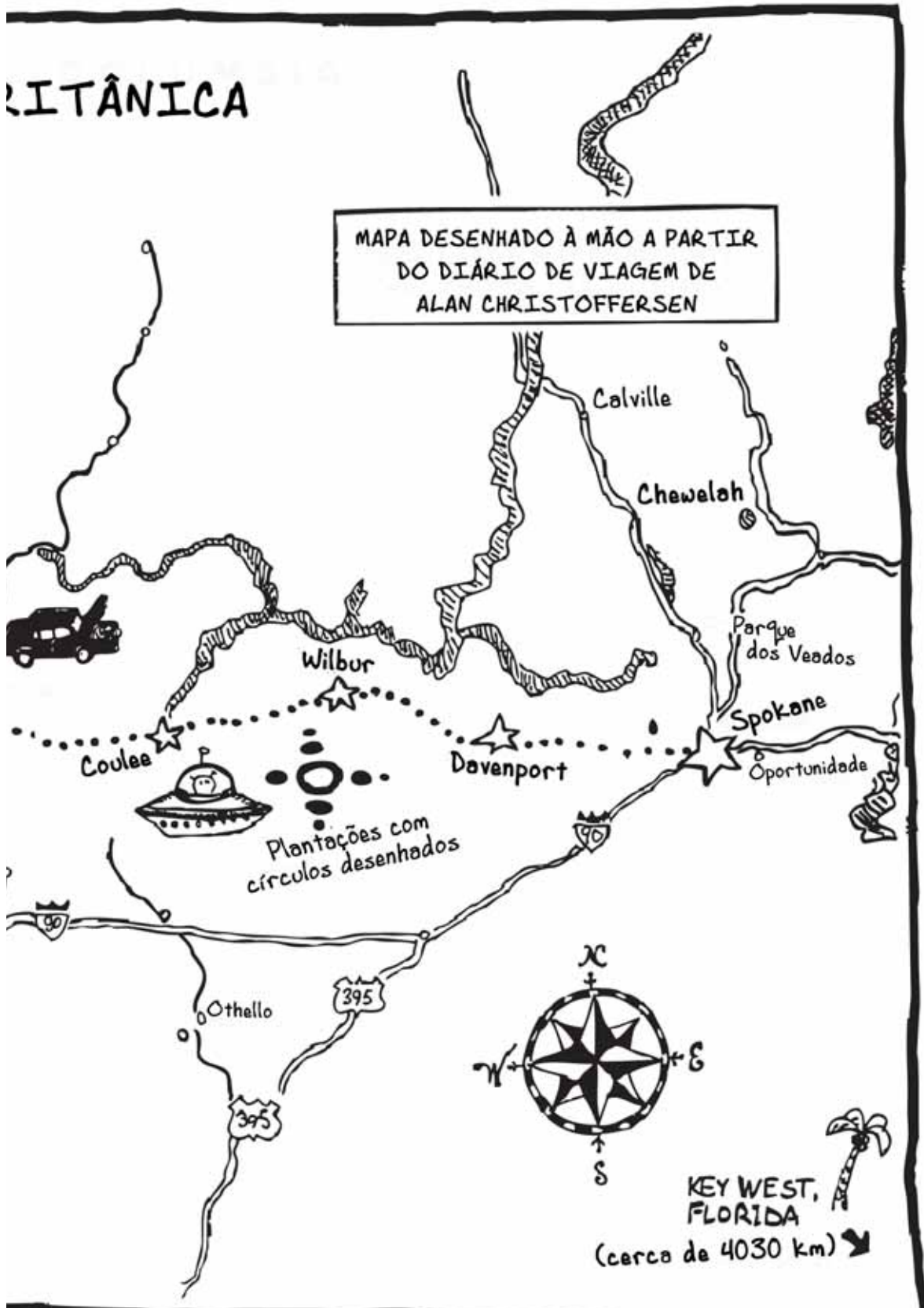
Água

Nota:  
Enviar areia dos aliados de Key West

PARQUE NACIONAL DE MONTE RAINIER

# BRITÂNICA

MAPA DESENHADO À MÃO A PARTIR DO DIÁRIO DE VIAGEM DE ALAN CHRISTOFFERSEN





# Prólogo

*Caro Alan,*

*Como estás a escrever a história da tua caminhada, transmito-te um conselho, em relação à escrita, deixado por Lewis Carroll, um dos teus autores favoritos: «Começa pelo princípio e continua até chegares ao fim, depois para.»*

Diário de Alan Christoffersen



Chamo-me Alan Christoffersen e não me conheceis. «Mais um livro para a biblioteca», diria o meu pai, «fechado e por ler». Não fazeis ideia de onde cheguei nem do que perdi, mas sobretudo não sabeis o que encontrei.

Não sou ninguém importante ou famoso, mas não interessa. É melhor sermos amados por alguém que nos conhece a alma do que por milhões que não sabem sequer o nosso número de telefone. Amei tanto e fui tão amado como qualquer homem poderia desejar, o que faz de mim alguém com muita sorte. Mas isto também significa que sofri. A vida tem-me ensinado que, para voarmos, primeiro temos de aceitar a possibilidade de cairmos.

Não sei se alguém lerá alguma vez o que estou a escrever, mas se o leitor tem este livro nas mãos, é porque encontrou a minha história. Agora é meu companheiro de viagem. Se, no relato da minha viagem, encontrar alguma coisa que o ajude na sua, guarde-a.

Algumas pessoas poderiam considerar este romance uma história de amor; outros, carecidos de amor, considerá-lo-ão literatura de viagens. Para mim, é a jornada de um homem em busca de esperança. Aconteceram-me coisas em que talvez não acredite; lições que aprendi e para as quais o leitor poderá ainda não estar preparado, mas não faz mal. Aceite ou refute o que quiser, mas permita-me que o avise desde já — e olhe que eu não tive o luxo do pré-aviso! — que o que vai ler não é fácil. Porém, é uma história que vale a pena contar... É a história da minha caminhada.



CAPÍTULO  
um

*«Sobretudo não perca o desejo de caminhar. Não conheço pensamento tão pesado que não consigamos afastar-nos dele.»*

*— Kierkegaard*

Diário de Alan Christoffersen

**R**eza a lenda que quando a areia de Key West se agarra às solas dos nossos sapatos, já não conseguimos voltar para o sítio de onde viemos. Foi o que aconteceu comigo. Encontro-me sozinho, na praia, observando o batismo de um Sol sanguíneo nas águas do Golfo do México, e já não me é possível voltar ao que deixei para trás.

O ar está saturado de odores a água salgada e algas e dos sons das ondas na rebentação e das gaivotas. Uma parte de mim pergunta-se se isto não será um sonho e deseja acordar na cama e constatar que ainda me encontro em Seattle e que McKale percorre as minhas costas suavemente com as unhas, para cima e para baixo. «Estás acordado, amor?», sussurrar-me-ia ela, e eu responder-lhe-ia: «Nem vais acreditar no que acabei de sonhar!»

Mas não se trata de um sonho... Percorri o país de norte a sul, a pé, e a mulher que amo nunca mais voltará.

**A** água que tenho diante de mim é de um azul como o do líquido dos Alimpa-para-brisas. Sinto a brisa do crepúsculo na minha cara bronzeada e por barbear e cerro os olhos. Percorri um longo caminho para chegar até aqui — quase 5700 quilómetros —, mas, de certa forma, a minha viagem foi muito mais extensa. Nem sempre as jornadas podem ser medidas em termos de distância física.

Deixo deslizar a mochila das costas e sento-me na areia para desatar os atacadores dos meus sapatos e descalçar as meias. As minhas meias de algodão puídas, que já foram brancas mas agora estão cinzentas, agarram-se-me aos pés enquanto as descalço. Em seguida, avanço pela areia húmida e repleta de conchas e espero que a água, em retirada, volte para me cobrir os pés. Passei centenas de horas a pensar neste momento e agora deixo que tudo passe por mim num turbilhão: o vento, a água, o passado e o presente, o mundo que deixei para trás, as pessoas, as vilas e as pequenas cidades que fui encontrando pelo caminho... É difícil acreditar que estou finalmente aqui.

Passados alguns minutos, volto ao sítio onde estava, sento-me na areia, de pernas cruzadas, e ponho-me a fazer o que sempre faço nos momentos importantes da minha vida: pego numa caneta, abro o diário e começo a escrever.

Ganhei o hábito de escrever há muito tempo — muito antes deste diário e da minha caminhada. Quando eu tinha oito anos de idade, no dia de Natal, a minha mãe ofereceu-me o meu primeiro diário. Era um pequeno caderno com uma capa amarela, de vinilo, com um floreado em relevo. A característica que eu mais apreciava naquele caderno era o facto de ter chave e fechadura em latão. Aquilo fazia-me sentir importante, pois dava-me a sensação de que havia algo tão importante na minha vida que eu tinha de o esconder do resto do mundo. A primeira vez em que escrevi num diário foi nessa noite de Natal. Pareceu-me que, com a fechadura, eu seria a única pessoa a ler o conteúdo do meu diário, por isso escrevi as primeiras linhas como se me dirigisse a mim próprio, o que se tornou um hábito que eu viria a manter pela vida fora.

*Caro Alan,  
É noite de Natal. Recebi uns bonecos articulados Rockem So-  
ckem, um par de walkie-talkies e gomas vermelhas em forma de  
peixe, que já comi. A minha mãe ofereceu-me este diário com  
chave e fechadura e disse-me para eu escrever nele todos os dias.  
Pedi-lhe para escrever algumas palavras na primeira página:*

*Meu querido filho,  
Obrigada por me deixares escrever no teu caderno secreto. E feliz  
Natal! Este é um Natal muito especial. Um dia, mais tarde, com-  
preenderás isto. Relê estas palavras de vez em quando e nunca te  
esqueças de que te amo muito, e sempre amarei.*

— A mãe

*A minha mãe diz que não importa o que eu aqui escreva e que se  
ficar à espera de escrever apenas as coisas importantes, prova-  
velmente nunca escreverei nada porque aquilo que é importan-  
te parece-se com tudo o resto, exceto quando voltamos a pensar  
nessas coisas. O segredo está em escrevermos o que pensamos e  
sentimos. Hoje, a minha mãe pareceu-me melhor. Tenho a sen-  
sação de que recuperará brevemente.*

Tenho tocado tantas vezes neste texto que o mesmo já mal se consegue ler. As linhas que a minha mãe escreveu constituíram um daqueles acontecimentos a que ela se referia, pois só se tornaram importantes depois de lidas através do espelho retrovisor da vida. Sucumbiu a um cancro da mama quarenta e nove dias mais tarde, no Dia dos Namorados. Ainda era

manhã, cedo — antes da hora em que eu costumava levantar-me para ir para a escola — quando o meu pai me levou ao quarto deles para a ver. Sobre a mesa de cabeceira, ao lado da cama, estava uma única rosa amarela, num pequeno vaso, e o cartão do Dia dos Namorados que eu desenhara em casa, com um coração atravessado por uma seta. O corpo da minha mãe estava presente, mas ela não, pois se estivesse, ter-me-ia sorrido e chamado; teria elogiado o meu desenho. Portanto, eu sabia que ela não estava ali.

À maneira tipicamente estoica do meu pai, nunca falámos da morte da minha mãe nem de sentimentos ou das situações que os originavam. Nessa manhã, ele preparou-me o pequeno-almoço e sentámo-nos à mesa, ouvindo o silêncio. Os homens da funerária chegaram e partiram e o meu pai tratou de tudo com a serenidade típica de uma simples transação comercial. Não quero com isto dizer que a morte da minha mãe não o afetou, simplesmente ele não sabia como exteriorizar os seus sentimentos. O meu pai era assim. Nunca lhe dei um beijo. Era a sua forma de ser.

***O motivo que nos leva a iniciar as coisas raramente é aquele que nos leva a continuá-las.***

Diário de Viagem de Alan Christoffersen

Comecei a escrever no meu diário porque a minha mãe me disse para o fazer. Após a sua morte, mantive este hábito porque interrompê-lo significava quebrar uma corrente que me ligava a ela. Depois, gradualmente, até isso se foi alterando. Nos respetivos momentos não me apercebi do facto, mas os motivos que me levavam a escrever mudavam constantemente. Enquanto ia amadurecendo, fui escrevendo como que para provar a minha existência. Escrevo, logo *existo*.

*Existo...* Há alguma coisa em todos nós que, para o bem e para o mal, nos incita a fazer com que o mundo saiba que existimos. Esta é a minha história, o meu testemunho de mim próprio e da maior viagem da minha vida. Esta viagem começou quando eu menos esperava, numa altura em que me parecia que rigorosamente nada podia correr mal.





CAPÍTULO  
DOIS

*O jardim do Éden é um arquétipo para todos os que caíram em desgraça, que é toda a humanidade. Ter é perder, assim como viver implica morrer. Mesmo assim invejo Adão, pois apesar de ter sido expulso do Éden, sempre manteve a sua Eva.*

Diário de Alan Christoffersen

Antes de o meu mundo se ter desmoronado, eu era um executivo de uma agência de publicidade, em Seattle. Não obstante, admito que esse título soa algo pretensioso quando aplicado a alguém que decorava o seu escritório com bonecos do Homem da Atlântida e pôsteres de Einstein. Eu era um *homem dos anúncios*. O leitor poderia perguntar-me o que me terá levado àquela área profissional, mas eu não saberia responder-lhe. Era simplesmente uma área profissional que eu sempre quisera abraçar. Talvez eu tenha abraçado aquela profissão por querer ser uma espécie de Darrin, de *Casei com uma Feiticeira* (eu mantinha uma paixoneta de miúdo por Elizabeth Montgomery). Concluí a licenciatura em 1998 e obtive trabalho antes mesmo de a tinta do meu diploma ter secado.

Fui bem-sucedido no mundo da publicidade e levei a vida de uma jovem estrela em ascensão. Era um menino-prodígio. Ganhei dois prémios ADDY no meu primeiro ano de atividade e quatro no seguinte. Depois de três anos a enriquecer os meus patrões, segui o caminho predileto das agências de publicidade, das firmas de advogados e das organizações religiosas e fundei a minha própria empresa. Eu tinha apenas vinte e oito anos de idade quando vi um letreiro de vinilo com o nome da minha agência afixado na porta do meu gabinete.

MADGIC  
Publicidade e Design Gráfico

A empresa passou de dois funcionários a uma dúzia em apenas nove semanas e eu fazia mais dinheiro do que os indivíduos que açambarcavam os bilhetes para os espetáculos da Barbra Streisand. Um dos meus clientes até me chamou o *figurino do sonho americano*. Passados dois anos, exibia todos os sinais do êxito material: tinha a minha própria empresa, um automóvel *Lexus Sport Coupé*, uma bela casa de 1,9 milhões de dólares em Bridle Trails — um bairro exclusivo e repleto de arvoredos a norte de Bellevue, dotado de um parque equestre e de trilhos para passeios a cavalo em vez de passeios para peões — e passava férias na Europa.

Para completar este quadro de sucesso, tinha também a mulher que eu amava — uma beldade morena chamada McKale. Quando os meus clientes potenciais me perguntavam se eu conseguia vender os seus produtos, eu

mostrava-lhes uma foto de McKale e dizia-lhes que tinha conseguido fazer com que ela se casasse comigo. Então, acenavam-me, admirados, com a cabeça e confiavam-me a publicidade aos seus produtos.

McKale era o amor da minha vida e, literalmente, a miúda que vivia na porta ao lado. Conheci-a quando eu tinha acabado de completar nove anos de idade, cerca de quatro meses depois de a minha mãe ter morrido e de o meu pai ter deixado o Colorado, mudando-se para Arcadia, na Califórnia.

O verão ia chegando ao fim e McKale estava sentada, sozinha, a uma mesa de jogo, transportada para o jardim da frente. Vendia Kool-Aid<sup>1</sup>, que tinha já preparado num jarro. Tinha vestida uma saia curta, que lhe ficava acima dos joelhos, e calçava umas botas de cowboy cor-de-rosa. Perguntei-lhe se podia ajudá-la e ela olhou para mim por instantes, acabando por responder que não.

Então, subi ao meu quarto a correr e desenhei um cartaz grande com a inscrição:



**«Kold Kool-Ade.  
Só 10 cêntimos»**

(O «K» em «Kold» pareceu-me um toque de originalidade). Feito isto, voltei para baixo e mostrei-lhe a minha criação. Ela gostou do cartaz o suficiente para me deixar sentar-me ao seu lado. Deve ter sido para fisgar «a miúda do filme» que me meti na publicidade. Conversámos e bebemos vários copos de plástico do seu elixir de cereja negra, que ela ainda assim me fez pagar. Era linda, com os seus traços perfeitos: tinha o cabelo comprido, da cor do café, sardas e uns olhos cor de amêndoa que nem um publicitário conseguiria melhorar. Acabámos por passar muito tempo juntos naquele verão... Na verdade, passámos muito tempo juntos em todos os verões que se seguiram àquele.

Tal como eu, McKale não tinha irmãos e também ela tinha acabado de passar por um período difícil. Os seus pais tinham-se divorciado cerca de dois meses antes da nossa chegada e, segundo me contou, não se tratara de um divórcio comum, precedido por grandes gritarias e coisas partidas. A sua mãe limitara-se a abandonar o lar, deixando-a sozinha com Sam, o pai. A sua cabeça andava sempre às voltas com aquilo, tentando perceber o que tinha corrido mal, embora parecesse, por vezes, «encalhada» como quando um computador bloqueia e a pessoa fica ali a olhar para a ampulheta, à es-

---

<sup>1</sup> Bebida solúvel de frutas. (N. do T.)

pera que aconteça alguma coisa. É uma pena os seres humanos não virem equipados com o botão de reiniciar.

Os nossos «cacos» encaixavam-se uns nos outros e partilhávamos os nossos segredos mais bem guardados, as nossas inseguranças, os nossos medos e, por vezes, o que nos ia no coração. No ano em que fiz dez anos, comecei a chamá-la de Mickey e o cognome agradou-lhe. Foi no mesmo ano em que construámos uma casa numa árvore do jardim das traseiras da sua casa. Passámos muito tempo nessa cabana, jogando jogos de tabuleiro como o Mouse Trap ou o Sorry e até lá dormimos algumas noites. No dia em que ela fez onze anos de idade, encontrei-a sentada a um canto da cabana, chorando histericamente.

— Como é que ela foi capaz de me abandonar? — perguntou, quando conseguiu falar. — Como é que uma mãe é capaz de fazer uma coisa destas?! — atirou, limpando os olhos furiosa.

Não soube responder-lhe, pois fizera a mesma pergunta a mim mesmo.

— Tens sorte por a tua mãe ter morrido — disse ela.

Não gostei de ouvir aquilo.

— Tenho sorte por a minha mãe ter morrido?!

— A tua mãe teria ficado ao pé de ti, se tivesse podido — respondeu, entre soluços. — Já a minha preferiu abandonar-me. Anda por aí, algures... Preferia que ela tivesse morrido!

Sentei-me ao seu lado e pus-lhe o braço em torno da cintura.

— Nunca te hei de abandonar...

— Eu sei — respondeu ela, encostando a cabeça ao meu ombro.

McKale era a minha guia no universo feminino. Certa vez, quis beijar-me só para ver o que é que os beijos na boca tinham de tão especial. Beijámo-nos durante cerca de cinco minutos. Eu gostei... muito! No entanto, não tenho a certeza que se tenha passado o mesmo com ela, pois nunca mais pediu para repetirmos a experiência. Portanto, não a repetimos.

Era assim que as coisas se passavam entre nós: quando McKale não gostava de alguma coisa, não a fazíamos. Nunca percebi bem porque é que era sempre ela a estabelecer as regras, mas o certo é que eu a seguia sempre. Acabei por concluir que as coisas eram mesmo assim.

Ela era muito franca no que se referia ao amadurecimento das mulheres. Por vezes eu fazia-lhe perguntas e ela respondia-me que não sabia, que determinada coisa também era novidade para si.

Quando completou treze anos de idade, perguntei-lhe por que motivo não tinha amigas.

— Não gosto das raparigas — respondeu-me, como quem já tinha cogitado muito sobre o assunto.

— Porquê?

— Porque não confio nelas — disse. — Prefiro os cavalos — acrescentou depois.

McKale costumava montar a cavalo quase todas as semanas. E convidava-me para a acompanhar quase todos os meses, mas eu dizia-lhe sempre que tinha coisas para fazer. A verdade era que os cavalos me aterrorizavam. Certa vez, quando eu tinha sete anos, fui passar as férias de verão com os meus pais a um rancho vocacionado para o turismo rural chamado Juanita Hot Springs, no Wyoming. No segundo dia da nossa estadia fomos andar a cavalo. O meu cavalo era malhado e chamava-se *Cherokee*. Eu nunca tinha andado a cavalo antes, por isso agarrei-me ao arção da sela de couro com uma mão e segurei as rédeas com a outra, detestando cada segundo da experiência. No decurso do passeio, alguns dos cowboys decidiram fazer uma corrida e o meu cavalo achou por bem juntar-se a eles. Quando o animal desatou a correr, larguei as rédeas, agarrei-me ao arção com as duas mãos e gritei por socorro. Felizmente, um dos cowboys voltou atrás para me ajudar, apesar de não conseguir esconder o seu desprezo pelos meus modos de «menino da cidade».

— Eu cá ando a cavalo desde que tinha três anos de idade — limitou-se a comentar.

Não é, portanto, de surpreender que eu nunca tenha partilhado da paixão de McKale pelos cavalos...

**E**xcetando os seus passeios a cavalo, passámos o tempo quase todo juntos, desde a escola primária até à adolescência, que é o auge da vida. Aos quinze anos, McKale amadureceu do ponto de vista físico e os rapazes do liceu começaram a rondar-lhe a casa como vespas num churrasco. É evidente que eu também reparei na sua maturação física, e isso deixou-me doido! Uma pessoa não deve sentir aquelas coisas pela sua melhor amiga!

Eu andava roxo de ciúmes... Não tinha qualquer hipótese contra aqueles tipos, pois eles tinham bigodes e eu acne; eles tinham carros desportivos e eu um passe. Eu era decididamente uma seca.

A educação que McKale recebia do pai seria mais bem descrita como «à vontade da freguesa», e quando começou a deixá-la sair com rapazes, no liceu, a filha mal conseguia organizar a sua própria agenda social. Depois dos encontros, costumava ir fazer o ponto da situação para minha casa, o que era um pouco como descrever o menu de um banquete a um esfomeado. Lembro-me de ela me ter perguntado, depois de uma das suas saídas, porque é que os homens pensavam sempre em possuir as namoradas.

— Não sei — respondi, abanando a cabeça e desejando possuí-la mais do que qualquer outra coisa.

A relação dela com os rapazes era como uma partida de basebol, com alguém sempre a postos para bater com o taco, outros prontos a placar e uma dúzia de tipos no banco, todos esperando pontuar com a minha melhor amiga. Eu sentia-me mais um vendedor de cachorros-quentes nas bancadas do que um dos jogadores.

Por vezes pedia-me conselhos sobre algum deles em particular. Então, eu dava-lhe a resposta que nitidamente me servia melhor no momento e ela limitava-se a olhar para mim com uma expressão engraçada. Sentia-me miseravelmente. Certa vez, McKale disse-me que, como eu era o seu melhor amigo, também teria de ser a sua dama de honor quando se casasse, o que significava que teria de depilar as pernas... Chegou a dar-se ao luxo de me perguntar como é que eu me sentia em relação a usar um vestido! Nunca percebi se ela me estava a torturar de propósito ou se aquilo lhe tinha saído naturalmente.

Quando atingi os dezasseis anos, as coisas mudaram. Dei um salto no meu crescimento e o sexo oposto mostrou um interesse repentino por mim. Ora, esta circunstância teve um efeito curioso em McKale: deleitava-se em partilhar comigo cada detalhe penoso dos seus encontros amorosos mas nunca queria ouvir os dos meus. Nessa altura, iniciou uma política de «calar e não perguntar». Lembro-me de, certa tarde, duas raparigas me virem visitar enquanto eu conversava com ela sob o alpendre da sua casa. As raparigas aproximaram-se e juntaram-se a nós. Uma delas tinha uma paixoneta por mim e começaram as duas a fazer-me olhinhos de forma bastante notória. McKale entrou em casa como um furacão, batendo com a porta.

— O que é que se passa com ela? — perguntou uma das moças.

— Está com ciúmes — respondeu a outra.

Recordo-me de ter sentido uma acalorada vaga de esperança.

Mas se McKale nutria sentimentos amorosos por mim, escondia-os muito bem e, a maior parte das vezes, eu sofria em silêncio. E tinha bons motivos para isso! McKale era a minha melhor amiga, e não há melhor forma de se estragar uma amizade do que declarando o nosso amor por uma pessoa que não nos corresponde. Porém, felizmente nunca tive de lho declarar.

Num cálido dia de junho — o do meu décimo sétimo aniversário —, estando nós deitados na rede que ela tinha suspensa no seu jardim das traseiras, em posições invertidas, com os seus pezinhos descalços ao nível dos meus ombros, balançando-nos suavemente para um lado e para o outro enquanto discutíamos o que teria sido dos Beatles se não fosse a Yoko, McKale disse-me:

— Sabes que vamos casar, um dia destes...

Não sei onde é que ela foi buscar aquela novidade, mas lembro-me

de um sorriso impossível me ter iluminado a cara. Não obstante, tentei conter-me.

— Achas que sim?

— *Sei* que sim!

— Como é que sabes?

— Estás tão perdidamente apaixonado por mim que nem o suportas! Não valia a pena negá-lo.

— Deste por isso?

— Claro! — respondeu ela, como se se tratasse de uma evidência. —

Toda a gente deu por isso... até o carteiro!

Senti-me ridículo.

— E o problema é que... — retomou ela, num tom mais suave — eu sinto o mesmo por ti.

Naquele momento, rodou as pernas para fora da rede e sentou-se, com a cara perto da minha. Olhei para ela e vi que ela me fitava com os olhos húmidos.

— Sabes que te amo, não sabes? Jamais conseguiria viver sem ti...

Aquilo que senti deve ter sido semelhante ao que sente uma pessoa que jogou na lotaria, depois de ouvir cantar os seus números. Nesse momento, uma amizade de sete anos transformou-se noutra coisa. Beijámo-nos, e, naquela vez, senti que ela tinha gostado. Aquele viria a ser o segundo melhor dia da minha vida. O melhor de todos foi o dia do nosso casamento.

**O**s casamentos têm sempre um problema: é que nos preocupamos sempre com a possibilidade de, algum dia, a pessoa com quem nos casámos conseguir ver como somos realmente por dentro e nos abandonar, ou com a eventualidade de aparecer alguém melhor do que nós, o que é pior. No meu caso, não apareceu ninguém... e o que surgiu não foi melhor.



CAPÍTULO  
TRÊS

*A ideia de que há sempre tempo é uma das maiores loucuras da humanidade. Convencemo-nos de que há sempre um «amanhã», quando, na verdade, temos tanta capacidade para prever o futuro como para prever com exatidão o tempo que vai fazer. O adiamento é o ladrão dos sonhos.*

Diário de Alan Christoffersen

Casei-me com McKale quando ainda éramos ambos jovens, embora na altura não nos parecesse que fôssemos assim tão novos. Talvez eu sentisse que tinha esperado toda a vida e tivesse pressa em casar-me com ela. Arranjámos um apartamento em Pasadena, a uns meros cinco quilómetros de onde tínhamos crescido. McKale conseguiu trabalho como secretária num pequeno escritório de advocacia e eu fui estudar para o Art Center College of Design, a pouca distância de casa de autocarro.

Foram anos bons. Tínhamos as nossas discussões — todos os casamentos implicam ajustes —, mas nunca duravam muito. Como é que podemos magoar a pessoa que amamos mais do que a nós próprios? Isso seria como darmos murros na cabeça! Tornei-me bom a pedir desculpa, mas, normalmente, McKale conseguia suplantar-me. Acho que, por vezes, discutíamos só para, depois, nos divertirmos a fazer as pazes.

O assunto que costumava ser o catalisador das nossas discussões eram os filhos. McKale queria ter filhos imediatamente mas eu era contra a ideia. E como a logística e as finanças pareciam estar a meu favor, estas eram discussões que eu acabava por ganhar sempre. «Pelo menos espera até eu acabar os estudos», dizia-lhe eu.

Assim que me formei e consegui o meu primeiro trabalho estável, McKale voltou a falar no assunto e eu tornei a dizer-lhe que não me sentia preparado. Queria aguardar até ter a vida mais estabilizada. Que louco fui!

Trabalhei para a Conan Cross Advertising durante três anos, até que, em outubro de 2005, decidi fundar a minha própria empresa. Nessa mesma semana, comecei a espalhar cartazes pela cidade para me autopromover. Os cartazes tinham a seguinte inscrição:

#### AL CHRISTOFFERSEN É UM INCENDIÁRIO

Os cartazes provocaram alguma agitação a nível local e até cheguei a receber um telefonema de um advogado que ameaçou processar-me em nome do seu cliente, com o qual eu partilhava o nome. Três semanas depois, fiz algumas alterações ao texto dos cartazes, que passou a dizer o seguinte:

AL CHRISTOFFERSEN É PUBLICITÁRIO  
(Contacte o Al para uma publicidade explosiva!)

Esta campanha valeu-me mais um ADDY e três clientes muito importantes. Mas se antes eu pensava que o meu antigo patrão geria uma sanzala, vim depois a constatar que aquele emprego não passava de uma brincadeira de crianças quando comparado com o trabalho por conta própria! Eu passava o dia inteiro a angariar e a reunir-me com clientes e a maior parte das noites a trabalhar nos projetos. McKale trazia-me o jantar ao escritório várias vezes por semana. Nessas alturas, sentávamo-nos no chão, comendo refeições rápidas chinesas, e cada um falava do seu dia.

À medida que a agência foi crescendo, foi-se tornando cada vez mais evidente que eu precisava de ajuda. Certo dia, essa ajuda entrou-me pela porta dentro na forma de Kyle Craig, um homem com dois nomes próprios que fora representante de uma estação de televisão regional. Eu já tinha comprado tempo de antena na estação de televisão para a qual ele trabalhava e ele tinha vindo a seguir atentamente a ascensão meteórica da minha agência. Por isso, apresentou-me uma proposta: encarregar-se-ia das relações com os clientes e da aquisição de tempo de antena e espaço nos meios de comunicação social por um determinado salário e uma quota de 15% na empresa. Isto permitir-me-ia concentrar-me no *marketing* e na criação de anúncios publicitários, o que era exatamente aquilo de que eu precisava.

Kyle vestia bem, era ambicioso e tinha charme. Era o vendedor perfeito. Era o tipo de pessoa que conseguia convencer até uma freira!

McKale não gostava muito de Kyle... não confiava nele. Certa ocasião disse-me que ele a tinha olhado de uma forma não muito inocente na primeira vez em que os dois se tinham cruzado, mas eu não dei importância à questão.

— Deve ter sido impressão tua — disse-lhe eu. — O Kyle é inofensivo.

A verdade é que eu gostava dele. Éramos ambos publicitários divertidos, rapazes jovens, educados e bem-falantes que trabalhavam bastante e se *divertiam* com o seu trabalho. Nessa altura, havia muitos motivos para nos divertirmos.

Uma das ocasiões em que nos divertimos foi quando altos funcionários do comissariado do condado de Seattle nos pediram para elaborarmos uma proposta de campanha publicitária para a sua feira tradicionalmente retrógrada. Acontece que, no ano anterior, tinha havido tiroteio nessa feira, pelo que o número de visitantes — e, conseqüentemente, os lucros — tinha diminuído de uma forma vertiginosa e o comissariado previa que, naquele ano, a situação se revelasse ainda pior. O diretor dos serviços do condado tinha ouvido dizer que éramos bons profissionais e convidou-nos a apresentar o projeto para que fizéssemos engordar as receitas da bilheteira. Na

sequência deste convite, concebi uma campanha hilariante com vacas falantes (isto foi antes das campanhas da VACA QUE RI, lançadas pela California Cheese Association. Portanto, pode dizer-se que eu já tinha adotado as vacas falantes antes de estas serem consideradas «fixes»).

Nem Kyle nem eu alguma vez tínhamos conhecido as pessoas com quem nos íamos reunir. Portanto, pensei que poderíamos divertir-nos apresentando-lhes uma campanha constituída por cartazes irónicos, só para quebrar o gelo. Porém, em toda a história das más ideias, esta foi o equivalente a um paraquedas de betão! É que me esqueci do facto de que os burocratas não têm sentido de humor.

A temperatura desceu alguns graus assim que o comité de *marketing* da feira entrou no nosso escritório. Eram três pessoas rígidas e cinzentas, tão austeras que pareciam ter engolido cabos de vassouras.

Não sabia os nomes deles, portanto inventei-os para mim: o Tipo do Chapéu Alto, a Beata e o Capitão Calças Subidas. Tomaram os seus lugares à mesa da nossa sala de conferências e olharam para mim com um ar expectante. Devo dizer que já assisti a funerais menos solenes! Cometi o erro de me manter fiel ao meu plano inicial e apresentei-lhes o primeiro cartaz jocoso:

**VENHAM À FEIRA,  
O GANGUE VAI LÁ ESTAR EM PESO!**

Olharam, atordoados, para o diapositivo.  
— O gangue... — chiou a Beata.  
— Passemos ao próximo — sugeri.  
Os olhos de Kyle quase lhe saltavam das órbitas.

**MOSTREM AS VOSSAS VERDADEIRAS CORES  
VENHAM À FEIRA DO CONDADO.**

Por momentos, ninguém falou.  
— Cores...? Como as cores dos gangues? — disse o Tipo do Chapéu Alto pouco depois.  
Passei ao diapositivo seguinte sem lhe responder.

**NA FEIRA DO CONDADO  
A DIVERSÃO É DE MORTE!**

Aquelas três bocas sisudas escancararam-se ao mesmo tempo e a Beata arquejou. O Capitão Calças Subidas baixou o olhar por instantes e ajustou os óculos.

— Parece-me que batemos à porta errada...  
— Não levem a mal, estamos só a brincar convosco — apressou-se a dizer Kyle, levantando-se de repente. — É apenas uma pequena brincadeira...  
— É verdade! — confirmei. — Pensei que podíamos animar-nos com um pouco de humor.  
— É esta a sua noção de humor? — perguntou o Capitão Calças Subidas, lançando a Kyle o olhar gélido típico de um inspetor do SEF.  
— Na verdade, a ideia foi *dele* — respondeu Kyle, apontando para mim.  
— Não achei muita piada... — disse a Beata, levantando-se.  
Pegaram nas suas coisas e saíram da sala, deixando-nos a olhar, espantados, um para o outro.  
— Parece-me que correu bem... — gracejou Kyle.  
— Achas que eles vão voltar? — perguntei eu.  
— Não creio...  
— Pois, eu também não — respondi.  
— Cambada de campónios! — exclamou Kyle. — Tomara que os Crips<sup>2</sup> armem um tiroteio na sua exposição de porcos este ano!  
(Nota: A agência que acabaram por selecionar produziu a campanha mais chata que alguma vez vi, a qual lhes assentou como uma luva. Tratou-se de uma campanha televisiva com duas amigas idosas — parecidas com a Tia Bea, da série *Mayberry* — sorvendo chá gelado e falando dos bons velhos tempos, quando havia a feira na cidade.)

---

<sup>2</sup> Nome de um gangue norte-americano iniciado em 1969, em Los Angeles. (N. do T.)

CAPÍTULO  
QUATRO

*Muitas vezes, as decisões mais simples acarretam as consequências mais graves.*

Diário de Alan Christoffersen



O início do colapso deu-se num dia como qualquer outro. O despertador tocou às seis e eu estendi o braço e carreguei no botão para interromper o toque. McKale aconchegou-se a mim, encostando o corpo macio e quente ao meu. Começou a percorrer-me o peito gentilmente com as unhas, o que, para mim, é uma das sensações mais agradáveis que existem.

— Continua... — exalei, extasiado.

— O que vais fazer hoje? — perguntou-me ela, beijando-me o pescoço.

— Trabalhar.

— Telefona a dizer que estás doente.

— Mas a empresa é nossa... A quem é que eu vou telefonar para isso?

— Telefonas-me a mim. Eu dou-te folga.

— Por bom comportamento?

— Não, que tu és muito malcomportado!

Sorri-lhe e beijei-a. Todas as manhãs, ao acordar, espantava-me que aquela mulher ainda estivesse na minha cama.

— Quem me dera poder tirar o dia, mas hoje vamos tentar fisgar a Wathen.

— Não é para isso que tens o Kyle? Ele não pode tratar desses assuntos?

— Hoje não. Este é o *tubarão* para que eu tenho andado a preparar-me o mês inteiro! Tenho de lá estar!

— És uma seca!

— Alguém tem de pagar as contas...

Ao ouvir isto, recostou-se na cama e a sua expressão mudou.

— Falando nisso...

— O que é? — quis saber, virando-me para ela.

— Preciso de mais dinheiro.

— Outra vez?

— Ainda não paguei a casa...

— A mensalidade deste mês ou a do mês passado?

— A do mês passado... — confessou ela, com um esgar.

— McKale...! — gemi, exasperado. — A semana passada recebi uma chamada da empresa de *leasing* para me dizerem que os pagamentos dos dois últimos meses estavam em falta!

— Eu sei, e vou resolver isso. Detesto lidar com dinheiro, não sou nada boa nisso!

— Mas és boa a gastá-lo...

— Essa boca foi mazinha... — retorquiu ela, franzindo a testa.

Olhei para ela e suavizei a expressão.

— Desculpa. Sabes bem que é por tua causa que eu ganho o dinheiro.

— Amo-te — disse ela, inclinando-se e beijando-me.

— Também te amo... — respondi. — Vou dizer ao Steve para transferir algum dinheiro para a tua conta — disse, levantando-me. — Talvez tenhamos algo para celebrar hoje à noite... ou não! Seja como for, vamos fazer alguma coisa divertida. Afinal, temos o fim de semana inteiro à nossa disposição!

— Tenho uma ideia! — exclamou ela, com um sorriso rasgado.

— O que é?

— Não te vou dizer — respondeu, encostando o dedo aos meus lábios —, mas garanto-te que jamais esquecerás o próximo fim de semana!

Nenhum de nós poderia ter adivinhado quanta razão ela tinha!

CAPÍTULO  
CINCO

*Os seres humanos perdem demasiado tempo a preocupar-se com coisas que jamais lhes acontecerão. A experiência diz-me que as maiores tragédias são as que nem nos passam pela cabeça, os acontecimentos que nos apanham de surpresa na tarde de uma qualquer sexta-feira, quando já andamos a pensar no que poderemos fazer durante o fim de semana ou nos encontramos no meio de uma reunião, a apresentar uma estratégia publicitária.*

Diário de Alan Christoffersen

**E**stacionei no meu lugar privativo cerca de vinte minutos depois das nove da manhã. Kyle já estava de mau humor.  
— Ainda bem que pudeste vir! — exclamou, quando entrei no escritório.

Eu já estava habituado a estas reações, pois Kyle ficava sempre nervoso antes das apresentações importantes.

— Descontraí, Kyle — disse-lhe eu calmamente.

Falene entrou atrás de Kyle.

— Bom-dia, Alan.

— Bom-dia, Falene.

Falene era a minha fiel assistente, uma beldade de cabelo liso e lustroso, de ascendência grega, que Kyle conhecera num *casting* para modelos e contratara para preencher os lugares de nossa assistente executiva e de borracho residente. Até o seu nome era exótico (a mãe tivera-a na noite em que assistira aos desenhos animados do *Bâmbi*).

— Como é que queres que eu descontraia? — retorquiu Kyle, num tom tenso. — Isto é a Final do Campeonato e os jogadores não chegam tarde no dia da grande partida!

Continuei a caminhar em direção ao meu gabinete, seguido por Kyle e Falene.

— Eles já chegaram?

— Não.

— Nesse caso, não estou atrasado!

— Querem que vos prepare alguma coisa antes da reunião? — perguntou Falene.

— Talvez um calmante para o Kyle... — respondi.

Falene esboçou um sorriso sarcástico. Apesar de Kyle a ter contratado, ela nunca simpatizou muito com ele e ultimamente a relação entre os dois parecia pior.

— Espero-te na sala de conferências! — resmungou Kyle.

**C**ompreendi o motivo do seu nervosismo. O cliente a quem íamos propor a campanha publicitária era a Wathen Development Company e a campanha anunciaria um bloco habitacional a que tinham dado o nome de A Ponte. Tratava-se de um projeto no valor global de 200 milhões de

dólares, com 400 fogos, dois clubes e um campo de golfe com 18 buracos. O orçamento anual desta empresa para o *marketing* ultrapassava os 3 milhões de dólares.

Wathen, um promotor imobiliário de quarenta e tal anos, dinâmico e sempre bronzeado, chegou quinze minutos mais tarde. Vinha acompanhado de Stuart, o seu contabilista, e de Abby, uma britânica que nunca tínhamos conhecido e cujas funções não eram muito claras. Eu e Kyle cumprimentámo-los assim que entraram no nosso escritório.

— Desejam tomar alguma coisa? — ofereceu Kyle.

— O que têm aí?

— O que é que temos no bar, Falene? — perguntou Kyle secamente. Falene fitou-o intensamente, depois dirigiu-se a Wathen.

— Sr. Wathen — disse —, temos...

— Trate-me por Phil.

Falene sorriu.

— Ok, Phil. Temos sumos de mirtilo, de maçã, de ananás e de laranja; gasosa com sabor a baunilha e a pêsego; *Coca-Cola*, *Coca-Cola* de dieta, *Pepsi*, *Perrier*...

— Ainda comercializam essa tal *Perrier*?

— Receio bem que sim...

— Vou tomar um sumo de mirtilo — respondeu Wathen, rindo. — Importa-se de lhe misturar um pouco de sumo de ananás?

— Com certeza.

— Abby — chamou Wathen —, o que vai tomar?

— Nada, obrigada.

— Para mim pode ser uma gasosa de baunilha — pediu Stuart.

— Muito bem — disse Falene —, volto já com as vossas bebidas.

Quando Falene saiu, Kyle convidou todos a dirigirem-se à sala de reuniões. Enquanto nos sentávamos em torno da mesa, aconteceu uma coisa estranha, uma coisa algo difícil de explicar: senti, de repente, uma dor aguda na espinha, seguida de um fluxo emocional profundo. Foi uma sensação estranha e opressiva que pareceu espremer o próprio ar do meu corpo. Inicialmente, pensei estar a sofrer um enfarte ou uma trombose, depois ocorreu-me que poderia tratar-se de uma crise de ansiedade. Independentemente do que aquilo tenha sido, deu-me de repente mas também me passou depressa e ninguém pareceu notar que eu estava a respirar com dificuldade.

Eu concebera a sala de conferências de forma a realçar os inúmeros prémios que já tinha recebido. Assim, as paredes tinham sido rebocadas com gesso, pintadas de beringela e cobertas de prémios na área da publicidade, com molduras douradas. A parede sul ostentava duas prateleiras

sobrelotadas com os nossos troféus e os prémios expostos na parede leste encontravam-se tapados pela tela que descia do teto.

Depois de todos se sentarem à volta da mesa, liguei o projetor e o logo da Wathen Development surgiu na tela de projeção.

Falene voltou à sala e teve o cuidado de servir primeiro Wathen.

— Aqui tem, senhor... quero dizer, Phil. Sumo de mirtilo com um pouco de sumo de ananás. Deseja mais alguma coisa?

— Ter novamente vinte anos... — respondeu ele.

Abby revirou os olhos e Falene distribuiu o resto das bebidas, incluindo uma *Coca-Cola* a Kyle, o que eu reparei que fez sem sequer olhar para ele.

— Muito bem... — disse Kyle. — Quando estiver preparado, comecemos a apresentação, Phil.

Wathen acenou-lhe com a cabeça e Kyle diminuiu a intensidade da luz da sala com o comando do controlo remoto.

— Agradecemos-vos esta oportunidade. Na qualidade de vossa agência futura, o nosso objetivo consiste em criar uma campanha que resultará não só na ocupação total do vosso novo empreendimento como também numa procura que manterá o valor da vossa propriedade num nível elevado e crescente.

»A nossa campanha recorre a uma abordagem multimédia que inclui as cadeias de televisão, as emissoras de rádio, a Internet e a afixação de cartazes. Propomos que a campanha seja lançada com cinquenta cartazes, com o objetivo claro de dar a conhecer o nome do vosso empreendimento. Alcançaremos este fim com a afixação de mensagens publicitárias em três fases, começando a primeira assim que estiverem preparados para iniciar a campanha — expôs Kyle, apontando para mim. — Al..

Carreguei no botão do comando para mostrar a imagem do primeiro cartaz.

### Ponte em construção

O cartaz era amarelo e negro, como um sinal de perigo na estrada, e eu e Kyle olhámos simultaneamente para Wathen, que não mostrou qualquer reação, o que deixou o meu sócio visivelmente nervoso.

— É uma campanha para atrair a atenção das pessoas — clarificou Kyle. — Afixaríamos estes cartazes em ambos os sentidos das autoestradas interestaduais I-5 e I-45 durante dois meses.

— Parece um sinal de desvio de tráfego... — comentou Abby.

— Precisamente — respondi.

— Mas... e se as pessoas pensarem que está realmente a ser construída alguma ponte? — insistiu ela.

— Na verdade, é isso que pretendemos — respondi-lhe. — Os vossos clientes potenciais passam por centenas de cartazes todos os dias e aprendem a ignorá-los automaticamente. Porém, não ignoram os sinais que indicam desvios. À medida que forem descobrindo que foram ludibriados, irão estabelecendo uma relação com o vosso empreendimento. Trinta dias depois, passaremos à segunda vaga de cartazes — expliquei, premindo um botão.

Ponte a inaugurar a 16 de julho

— É aqui que iniciaremos a campanha televisiva e radiofónica — informou Kyle. — Até aqui a imagem da campanha será propositadamente austera, mas a partir deste ponto começará a revelar uma faceta luxuosa, com pessoas da alta sociedade — bonitas, chiques e felizes — desfrutando do estilo de vida exclusivo e das instalações da Ponte. Notará, certamente, que o amarelo berrante dos primeiros cartazes se tornou um pouco mais dourado.

— Depois — disse eu —, com a Fase I em pleno, introduziremos a última leva de cartazes:

A PONTE FOI INAUGURADA!  
Atravesse-a e entre no novo e luxuoso  
estilo de vida de Washington

Wathen sorriu e acenou levemente com a cabeça. Stuart inclinou-se para lhe sussurrar algo e Abby também sorria.

Nesse momento, Falene abriu a porta e chamou-me, num sussurro tenso.

— Al...!

Kyle olhou para ela com um ar incrédulo. Falene sabia bem que não era do seu interesse interromper-nos num momento tão crucial. Acenei-lhe rapidamente com a cabeça e ela aproximou-se e agachou-se ao pé de mim.

— Alan, é uma emergência... A sua mulher teve um acidente.

— Que tipo de acidente? — perguntei, num tom que fez com que toda a gente olhasse para mim.

— A sua vizinha está ao telefone e diz que é grave.

— Peça desculpa — disse eu, levantando-me —, mas a minha mulher teve um acidente. Tenho mesmo de atender esta chamada.

— Atenda aqui — sugeriu Wathen, apontando para o telefone que se encontrava no centro da mesa.

Falene aumentou a luz na sala e eu peguei no auscultador e premi o botão intermitente.

— Fala Alan...



— Alan, é Monnie Olsen, a sua vizinha. A McKale teve um acidente.  
O meu coração parou.  
— Que tipo de acidente?  
— Caiu do cavalo...  
— É grave?  
— Foi levada de urgência para Overland...  
No meu espírito, tudo perdeu a nitidez.  
— Qual é a gravidade do estado dela? Diga-me, por favor!  
Monnie hesitou, depois começou a chorar de repente.  
— Pensam que ela pode ter partido a espinha... — Soluçou, com a voz entrecortada. — Ela... — Tornou a hesitar. — Desculpe. Ela disse que não sentia nada abaixo da cintura... O vizinho tem de ir já para Overland!  
— Já estou a caminho! — exclamei, desligando o telefone.  
— Como está a sua esposa? — quis saber Wathen.  
— Mal... está mal. Tenho de me ir embora.  
— Eu termino a apresentação — ofereceu-se Kyle.  
Quando saí da sala, Falene pôs-me a mão nas costas.  
— Posso ajudar em alguma coisa?  
— Reze... reze muito!

**D**irigi-me ao hospital o mais depressa que pude, alheio a tudo o que me rodeava. A viagem de carro pareceu-me interminável e, durante todo o caminho, ouvi um diálogo dentro da minha cabeça, alimentado pela adrenalina. Era uma batalha entre duas forças opostas. A primeira voz que ouvi assegurou-me de que a minha vizinha estava simplesmente em pânico e que tudo ia correr bem. Mas, nesse momento, outra voz gritou: *A situação é muito pior do que eles estão a dizer! É tão má que nem no teu pior pesadelo a consegues imaginar!*

Quando cheguei ao hospital, ia quase enlouquecido de medo. Estacionei numa zona para deficientes, junto à entrada das urgências, corri para o interior do edifício e dirigi-me ao primeiro guiché que encontrei, onde se encontrava uma mulher de meia-idade, com óculos de lentes grossas.

A mulher olhava para o ecrã do computador e nem deu pela minha presença.

Bati no vidro.

— A minha mulher deu entrada neste hospital! — disse eu, desastado.

Ela olhou para mim.

— Chama-se McKale Christoffersen. Sou o marido.

A enfermeira datilografou o nome no computador.

— Ah, sim... Queira aguardar só um minuto.

Pegou no telefone e discou um número. Falou baixinho com a pessoa que a atendeu, depois desligou e tornou a virar-se para mim.

— Virá alguém falar consigo. Queira sentar-se, por favor.

Sentei-me numa cadeira, tapei os olhos com a mão e balancei-me para trás e para a frente. Não sei quanto tempo passei naquilo, mas a certa altura senti uma mão no ombro e levantei os olhos. Eram Monnie e Tex Olsen, os nossos vizinhos. Assim que vi as suas expressões consternadas, senti algo rebentar dentro de mim e comecei a soluçar.

— Lamentamos imenso! — disse Monnie, abraçando-me.

— Já falou com os médicos? — perguntou Tex.

Abanei a cabeça.

— Ainda estão a observá-la — respondi, virando-me para Monnie. — Viu o acidente acontecer?

Ela ajoelhou-se ao meu lado e falou-me num tom suave.

— Não. Dei com ela poucos minutos depois de aquilo ter acontecido. O cavalo espantou-se e atirou-a ao chão.

— Como é que ela ficou?

Eu queria ouvir palavras reconfortantes, mas Monnie limitou-se a abanar a cabeça.

— Não ficou nada bem...

Passaram mais dez minutos, até que uma jovem com cara de rapaz e cabelo curto, envergando umas calças largas e uma blusa de seda, com a placa com o nome pendendo de uma fita que trazia ao pescoço, saiu pela porta dupla do serviço de urgências, que dava para a sala de espera. Nesse momento, a enfermeira do guiché apontou para mim, embora eu tenha a certeza que foi só para confirmar, pois não era difícil descobrir o tipo em aflição.

— Senhor Christoffersen?

— Sou eu — respondi, levantando-me.

— Sou Shelley Crandall, assistente social neste hospital.

*Enviaram-me uma assistente social?*, pensei.

— Quero ver a minha mulher.

— Lamento, mas os médicos ainda estão a observá-la.

— O que é que se está a passar?

— A sua esposa fraturou a espinha na parte superior das costas. Os médicos estão a tentar estabilizá-la.

— Está paralisada? — perguntei, com as palavras saltando-me da boca.

— Ainda é demasiado cedo para sabermos — respondeu a assistente social, hesitante. — Este tipo de lesões provocam inchaços consideráveis, que podem afetar os nervos. Nestes casos, só após setenta e duas horas é que costumamos poder diagnosticar, com maior precisão, os danos na medula espinal.

— Quando é que posso vê-la?

— Só daqui a algumas horas... Prometo-lhe que o levo à sua esposa assim que ela sair do bloco operatório. Lamento imenso, Sr. Christoffersen.

Tornei a deixar-me cair sobre a cadeira. Monnie e o marido sentaram-se de frente para mim, em silêncio.

A espera foi terrível! Cada minuto que o relógio marcava parecia levar a esperança consigo. Ouvi, ansioso, o sistema de som anunciar novas lesões e emergências, perguntando a mim mesmo se não estariam a falar de McKale.

Quase duas horas após a minha chegada, a assistente social conduziu-me para lá das portas duplas do serviço de urgências. O primeiro pensamento que me veio à cabeça, assim que vi a minha mulher, foi que a assistente se enganara e me tinha levado para a enfermaria errada. A minha mulher era uma pessoa forte e cheia de vida, não uma pessoa encolhida e frágil... uma pessoa quebrada, como a mulher que jazia naquela cama, com aquela roupa de hospital.

McKale estava fisicamente quebrada. Tinha os olhos fechados e o cabelo espalhado sobre a almofada. A cama estava rodeada de monitores. Um tubo saía-lhe do braço direito e surpreendeu-me constatar que ainda tinha a cara suja. McKale caíra de cabeça do cavalo e, com a pressa, ninguém se lembrara de lhe limpar a cara.

As minhas pernas vacilaram, como se, de repente, o meu corpo tivesse passado a pesar uma tonelada. Agarrei-me à grade da cama enquanto os meus olhos se enchiam de lágrimas.

— Mickey...

Ao ouvir a minha voz, McKale pestanejou e olhou para mim.

— Estou aqui — disse-lhe eu, apertando-lhe a mão.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas e a voz saiu-lhe num fio ténue.

— Desculpa...

Retive as minhas próprias lágrimas. Tinha de ser forte, por ela.

— Porque é que estás a pedir desculpa?

— Porque estraguei tudo.

— Não, meu amor... Vais pôr-te boa. Vai ficar tudo bem.

Ela olhou para mim, por um instante, depois fechou os olhos.

— Não, não vai.

As vinte e quatro horas seguintes passaram como num pesadelo. O tubo de McKale introduzia-lhe no corpo uma dose constante de morfina, e o seu estado foi alternando entre a vigília e o sono enquanto estive ao seu lado. A certa altura, acordou e perguntou-me se aquilo não seria apenas um

pesadelo. Como desejei poder responder-lhe que sim! Por volta das oito, saí da enfermaria para fazer algumas chamadas.

A primeira pessoa a quem liguei foi o pai de McKale, que começou a chorar e me jurou que apanharia o primeiro avião com um lugar vago. Depois, telefonei ao meu pai, que permaneceu em silêncio quando lhe contei o que acontecera.

— Lamento imenso, filho... Precisas de alguma coisa?

— Preciso de um milagre.

— Quem me dera poder fazê-lo! Queres que eu vá aí?

— Não.

— Ok.

Ficou perfeitamente tranquilo com a sua resposta. Ficámos ambos. As coisas entre nós eram assim.

Naquela noite, recebi uma chamada de Kyle.

— Como está a tua mulher?

— Dá-me um segundo — pedi-lhe. — Partiu a espinha — disse-lhe, depois de sair da enfermaria onde estava McKale. — A situação é má, apenas ainda não sabemos até que ponto.

— Mas não ficou paralisada... pois não?

Odiei aquela palavra.

— Ainda não sabemos, mas não consegue mexer as pernas.

Kyle gemeu.

— Mas há esperança, certo? Afinal, todos os dias acontecem milagres...

— É isso que esperamos.

Permanecemos ambos em silêncio durante bastante tempo.

— Estou a ligar-te para te dizer que conseguimos o negócio da Ponte.

Demorei algum tempo a interiorizar o que ele tinha dito. Espantou-me o facto de uma coisa que me tinha dominado completamente o espírito durante semanas ter deixado de me ocupar a mente e perdido a importância. Noutras circunstâncias, estaríamos a celebrar no Canlis, com uma refeição cara e uma garrafa de champanhe, mas esse mundo parecia já uma memória distante. A minha resposta não foi além de um simples «Oh!» e apercebi-me do quanto me desligara, de repente, de tudo aquilo.

Produziu-se mais um longo silêncio. Por fim, Kyle disse:

— Ei, não te preocupes com nada. Tenho tudo controlado.

— Obrigado.

— Por nada. A McKale recebeu as flores que lhe enviei?

— Recebeu sim, obrigado.

— Diz-lhe que lhe desejo as melhoras. E não te preocupes com nada, que tenho tudo sob controlo.



CAPÍTULO  
SEIS

*Nada é mais terrível do que esperar pelo veredicto... exceto, talvez, ouvir o veredicto.*

Diário de Alan Christoffersen

Passei os três dias seguintes num limbo surreal, com o coração a vacilar entre a esperança e o desespero. Os médicos repetiram o que a assistente social tinha dito — que só teriam a certeza da extensão da lesão nos nervos dali a setenta e duas horas. *Muita coisa pode acontecer em setenta e duas horas*, disse a mim mesmo. Quando o inchaço diminuiu, talvez ela voltasse a ter sensibilidade e a mexer as pernas.

Ela tinha de recuperar. McKale na cama, imobilizada, era praticamente a coisa mais estranha que eu conseguia imaginar.

O resto do meu mundo deixou de existir. Eu passava o dia ao pé dela e à noite dormia numa cama desdobrável ao lado da sua. Na verdade *tentava* dormir, pois as enfermeiras pareciam entrar a cada vinte minutos para verificarem alguma coisa. Não queria que a minha mulher acordasse e não me visse ali. Sam, o meu sogro, chegou no sábado à tarde. Foi a primeira vez em que me afastei da cama de McKale e fui a casa para tomar um banho e mudar de roupa. Ausentei-me apenas por algumas horas.

Na segunda-feira de manhã não fui a casa. Tinham passado setenta e duas horas desde o acidente e os médicos tinham-nos dito que lhe fariam os testes de manhã. Íamos, finalmente, saber a gravidade da lesão. Sam chegou por volta das dez. Nessa manhã, nenhum de nós falou nos testes. O meu sogro falou à filha da sua casa nova na Florida, depois McKale perguntou-me como me estava a correr o trabalho. Só então me apercebi de que ainda não lhe tinha contado a novidade da Ponte.

— Isso é uma excelente notícia! — comentou ela.

Sam mostrou-se mais entusiasmado do que nós os dois.

— Boa, meu rapaz! Bom trabalho!

Esbocei um sorriso. Não estava minimamente interessado nesse assunto e toquei nele apenas para desviar os nossos espíritos de temas mais sérios.

Por volta das onze e meia entraram três médicos na enfermaria. Um deles trazia uma pasta de vinilo na mão, outro um bloco de notas com mola. Reconheci a assistente social que falara comigo no dia do acidente.

— Sou a Dr.<sup>a</sup> Hardman. O senhor é o marido da Sr.<sup>a</sup> McKale Christoffersen?

— Sou sim, doutora.

— E o senhor é o pai?

Sam fez sinal que sim com a cabeça.

— Vou ter de vos pedir para saírem enquanto fazemos os testes.

Apeteceu-me perguntar-lhe porquê, mas mantive-me calado. Confiei muito nos médicos, porém, apercebi-me mais tarde de que não fora nelas que eu confiara mas na minha esperança de que ela se curasse. Sam afastou-se e um dos médicos começou a fechar a cortina em torno da cama.

— Podemos ficar a ouvir, do lado de fora? — perguntei, apontando para o outro lado da cortina.

— Claro! — respondeu a assistente social.

— Amo-te... — disse eu, inclinando-me e beijando McKale na testa.

— Também te amo.

Afastei a cortina e passei para o outro lado, para ao pé do meu sogro.

— Como se sente, Sr.<sup>a</sup> McKale? — perguntou a Dr.<sup>a</sup> Hardman.

McKale murmurou algo.

— Lamento saber. Vamos ter de lhe fazer alguns testes bastante simples. Não deverão causar-lhe dor.

Em seguida, ouvimos um arrastar de pés e McKale gemendo quando a viraram para lhe examinarem melhor a coluna vertebral.

Posto isto, ouvi o fecho de correr de um saco a abrir-se.

— O Dr. Schiffman vai tocar-lhe em várias partes do corpo com este utensílio — disse um dos médicos.

(Tive a oportunidade de ver o *utensílio* depois dos testes e aquilo mais parecia um instrumento de tortura medieval. Assemelhava-se a uma roda com raios que convergiam no centro.)

— Vamos passar isto por várias partes do seu corpo e pedir-lhe que nos diga se sente alguma coisa. Está preparada?

— Sim — respondeu McKale, resignada.

A seguir, ouvi um dos médicos perguntar-lhe:

— Consegue sentir isto, minha senhora?

— Sim.

O meu coração rejubilou e apeteceu-me bater na palma da mão de Sam, mas o meu sogro tinha o olhar cravado no chão.

— Muito bem. Agora vamos tentar abaixo da cintura. Consegue sentir isto?

Fez-se um longo silêncio.

— Não — acabou por responder McKale.

— E isto?

Mais uma pausa.

— Não — tornou a responder ela, agora com a voz um pouco mais tensa.

Senti um nó formar-se-me no estômago. *Vá lá, McKale!*



— E isto?  
— Não... — respondeu McKale, começando a chorar.  
Pus-me a rezar em silêncio. *Por favor, meu Deus, faz com que ela sinta alguma coisa!*  
— Consegue sentir isto?  
— Não!  
McKale chorava já abertamente.  
Sam escondeu os olhos com a mão.  
— E isto?  
— Não! Não consigo sentir nada! — gritou a minha mulher. — Não consigo sentir nada..  
Afastei a cortina, mas a Dr.<sup>a</sup> Hardman abanou a cabeça olhando para mim e tornei a retirar-me.  
— Agora vamos verificar se os nervos mais profundos foram danificados. Por vezes, os danos nos nervos são apenas à superfície e os pacientes continuam a ter sensibilidade sob a pele. Vou inserir esta agulha na sua perna e preciso que me diga se sente alguma coisa.  
Esperei que alguma coisa acontecesse, mas McKale não proferiu um único som.  
Então, deixei-me cair numa cadeira, com a cara enterrada nas mãos. Não estava a sentir-me bem. Ela não tinha sensibilidade... McKale estava paralisada!



CAPÍTULO  
SETE

*Quando era miúdo, ouvi contar esta história na igreja: um homem consertava o telhado inclinado de um edifício alto quando começou a escorregar. Quando se aproximava do beirado, começou a pedir a Deus que o salvasse: «Meu Deus, se me salvares, passarei a ir à igreja todos os domingos, deixarei de me embriagar e serei a melhor pessoa que esta cidade já viu!»*

*Quando terminou o pedido, as calças do seu fato-macaco prenderam-se num prego, o que o salvou. Então, o homem olhou para o céu e gritou: «Deixa lá, meu Deus, que eu já tratei do assunto!»*

*Como isto é típico em nós!*

Diário de Alan Christoffersen

A pesar dos danos permanentes nos nervos, a coluna vertebral de McKale continuava a precisar de ser tratada e ela teve de voltar à sala de cirurgia. Foi preciso esperar mais vinte e quatro horas para lhe conseguirem arranjar vaga. Sam teve de apanhar o voo de volta a casa naquela manhã, pelo que fui a única pessoa que acompanhou McKale quando a levaram para a operação. Aguardei, tenso, na sala de espera.

Quando saí da sala de operações para me fazer o ponto da situação, o cirurgião trazia um sorriso rasgado na cara.

— Correu muito bem! Melhor até do que esperávamos! Conseguimos reparar-lhe a coluna vertebral sem grandes problemas!

O seu tom deu-me esperança,

— Isso significa que a minha mulher vai voltar a andar?

De repente, a sua expressão ensombrou-se.

— Não... Significa apenas que as vértebras foram reparadas.

Tenho ouvido dizer que existe um padrão universal para a dor e para o sentimento de perda pelo qual toda a gente tem de passar. Os primeiros três estágios são a negação, a raiva e a negociação. Creio que passei pelos três em simultâneo. Prometi tudo a Deus: daria todo o meu dinheiro aos pobres, passaria o resto da vida a construir casas para os sem-abrigo, enfim, prometi tudo o que pudesse chamar a Sua atenção.

Eu até tinha um plano para que Deus fizesse com que McKale melhorasse! Acordaria como se tudo não tivesse passado de um pesadelo. Ninguém sequer precisaria de saber o que se passara. Porém, nunca acordei deste pesadelo. Deus tinha outros planos.



CAPÍTULO  
OITO

***Somos tão loucos! Castigamos os amigos e recompensamos os inimigos mais vezes do que queremos acreditar.***

Diário de Alan Christoffersen



Falene telefonou-me na quarta-feira à tarde. Não me apetecia propriamente atender a sua chamada, mas atendi-a na mesma. Ligara-me várias vezes ao longo da semana anterior e deixara-me mensagens a dizer-me que tinha a máxima urgência em falar comigo. Mostrou-se surpreendida ao ouvir a minha voz.

— Alan?

— Olá, Falene.

— Como está a sua esposa?

— Os danos que sofreu nos nervos são permanentes...

Falene soltou um ligeiro arquejo. Quando voltou a falar, senti emoção na sua voz.

— Tenho tanta pena... — confessou. — O que posso fazer por vós? — perguntou, passados alguns instantes.

— Ninguém pode fazer nada! — respondi, irritado. — Se houvesse alguma coisa a fazer, já a teríamos feito!

Falene permaneceu em silêncio.

— Peço desculpa. Não estou bem... — disse-lhe, momentos depois.

— Eu compreendo.

— Sobre o que é que queria falar comigo?

Falene hesitou.

— Esse assunto pode esperar — disse. — Há de correr tudo bem. Diga à sua esposa que lhe desejo as melhoras.

Fiquei admirado com a resposta dela, mas não dei importância ao assunto.

— Muito bem, falaremos depois.

Kyle telefonou-me nessa noite.

— Como está a McKale?

— Está paralisada...

Kyle permaneceu calado por momentos.

— Eh pá, lamento imenso... Quem me dera poder fazer alguma coisa!

— Pois... — respondi, resfolegando.

— Tive uma reunião com o Wathen esta manhã e ele perguntou por ti.

— Diz-lhe que lhe agradeço a preocupação. Ah, e também te agradeço as flores.

— Eu digo-lhe. Queriam saber quando é que podiam esperar ver al-

guns dos gráficos finais, portanto pus o Ralph a trabalhar nisso. Quanto aos *spots* publicitários à Coiffeur, tens o estúdio marcado para terça-feira. Já escolheste a modelo?

— Não — respondi, passando a mão pelo cabelo. — Marquei um *casting* para quinta-feira.

— Quinta-feira? Tipo... amanhã?!

Eu não fazia a menor ideia do dia em que estávamos.

— Desculpa. Podes tratar disso?

— Estou sempre pronto para seleccionar modelos...

— Desculpa-me por despejar tudo em cima dos teus ombros, Kyle — pedi, suspirando. — Ainda não consigo voltar para esse mundo...

— Não tens de te preocupar com nada, que eu trato de tudo e de todos. Por falar nisso, a Falene ligou-te recentemente?

— Ligou-me esta tarde.

— O que é que ela te disse? — perguntou Kyle, depois de alguma hesitação.

— Não disse grande coisa; queria apenas saber como estava a McKale.

— Ai sim? — Pareceu surpreendido. — Ok, ainda bem. Bem, vou deixar-te em paz... Diz à McKale que lhe desejo as melhoras.

— Obrigado, Kyle.

— De nada.

CAPÍTULO  
NOVE

*Quanto mais alguém nos assegura de que tudo está bem,  
mais podemos ter a certeza que não está!*

Diário de Alan Christoffersen

No dia seguinte, McKale saiu da UCI e foi transferida para a ala de reabilitação do hospital. Passei os três dias seguintes ao seu lado. Ficava com ela todas as noites, até adormecer. Certa noite eu estava tão cansado que comecei a preparar-me para me ir embora antes de McKale ter adormecido, e ela rogou-me que ficasse. Estava com medo e agarrou-se a mim como um desesperado se agarra à perna de uma árvore à borda de uma catarata... e talvez pelos mesmos motivos.

Odiei o serviço de reabilitação. Detestei o nome daquela ala! Soava a publicidade enganosa, pois ali não se reabilitava coisa nenhuma! Parece-me até que o objetivo não era mais do que fazer com que McKale se habituasse a uma vida condenada à cadeira de rodas, o que veio a revelar-se mais difícil do que esperávamos, visto que a parte de cima do seu corpo carecia da força necessária para fazer grande parte do que era necessário.

Mas, para além da terapia física, havia também o «apoio emocional», em que uma multidão de assistentes sociais debitava mais promessas do que aquela maré de anúncios que dá na televisão de madrugada: *Continuará a poder fazer tudo! Sabe, as montanhas só nos fazem subir mais alto! Poderá continuar a viver uma vida normal; a sua vida será tão preenchida como antes, blá, blá, blá...*

McKale chamava àquilo uma «tentativa falhada para animar alguém». Não acreditava em nada daquilo.

Durante as semanas que se seguiram ao acidente, as únicas chamadas que eu recebia da empresa — excetuando as de Kyle e Falene — eram chamadas repetidas de dois dos meus clientes: a Wathen e a Coiffeur. Sempre que me telefonavam, eu enviava um SMS a Kyle, pedindo-lhe que se ocupasse deles. Eu não conseguia viver em dois mundos simultaneamente. Porém, apesar de apreciar o facto de Kyle se ocupar de tudo por mim, sabia que aquela situação não podia manter-se por muito mais tempo.

No final da terceira semana, enquanto tratava de tudo para levar McKale para casa, comecei a preparar-me psicologicamente para voltar ao trabalho. Portanto, tentei telefonar a Kyle para que me fizesse o ponto da situação no que se referia aos nossos clientes e surpreendeu-me o facto de não atender as minhas chamadas, apesar de eu lhe ligar para o telemóvel. A situação manteve-se durante os três dias seguintes. No final da semana,

comecei a perguntar a mim mesmo se o meu sócio não teria perdido o telemóvel. Na sexta-feira à tarde telefonei a Tawna, a nossa rececionista, para lhe perguntar se sabia onde é que ele estava.

— Madgic. Fala Falene.

— Porque é que está a atender o telefone? — perguntei. — Onde está a Tawna?

— Foi-se embora.

— Saiu mais cedo?

— Não, abandonou a empresa. Todos se foram embora exceto eu.

Ela bem podia estar a falar chinês, tal era o sentido que aquilo fazia para mim.

— Abandonaram a empresa? De que é que está a falar?

— O Kyle e o Ralph fundaram a sua própria empresa... e levaram toda a gente com eles.

Senti-me atordoado.

— O Kyle e o Ralph foram-se embora?!

— Ele e o Ralph fundaram a sua própria agência. Chama-se Craig/Jordan Advertising.

— E os nossos clientes?

— Levaram-nos a todos. O Kyle disse-lhes que a Madgic se estava a afundar! — disse-me Falene, furiosa. — Fiz o melhor que pude para os reter. Até convenci o Wathen e a Claudia da Coiffeur a telefonarem-lhe, mas eles disseram-me que o senhor não respondia aos seus telefonemas.

— Perdemos-los a todos?

— Até ao último...

— Não posso acreditar nisto... — desabafei, esfregando a cara com a mão.

— E eu não quero acreditar. Diga-me o que devo fazer.

Dir-se-ia que a minha cabeça ia explodir.

— Não sei, Falene. Aguenta o barco um pouco mais. A minha mulher voltará para casa no sábado e eu reunir-me-ei consigo na segunda-feira de manhã para discutirmos uma estratégia. Como estamos de dinheiro?

— Telefonei ao Steve para saber como estávamos de finanças e ele disse-me que estávamos quase na penúria...

— Não pode ser! Com certeza já recebemos as avenças mensais de todos os clientes!

— Apenas sei o que ele me disse...

— O Kyle... — murmurei, pensando em voz alta. — Deve tê-los convencido a pagarem-lhe as avenças!

— Não pode processá-lo?

— A coisa não lhe vai correr como ele pensa!  
— Lamento imenso, Al — suspirou Falene. — Bem sei que não precisava de mais isto, para além de tudo o resto.  
— Havemos de resolver o problema, Falene. Reunimo-nos na segunda-feira para estabelecermos um plano.  
— Ok — confirmou. — Dê cumprimentos meus à sua esposa.  
— Falene...  
— Sim?  
— Obrigado por não se ter ido embora.  
— Não tem de quê. Além disso, não haveria dinheiro nenhum no mundo que me fizesse trabalhar para aquele crápula!





CAPÍTULO  
DEZ

***O que nunca deixa de me espantar é a capacidade dos seres humanos para se enganarem a si próprios quando defendem os seus próprios interesses. O egoísmo é cego!***

Diário de Alan Christoffersen

**D**evo ter tentado telefonar a Kyle pelo menos umas vinte vezes antes de ele ter, finalmente, atendido o telefone.

— Alan! — respondeu ele, num tom alegre mas com a voz denotando uma certa ansiedade.

— O que é que tu foste fazer?!

— Porque é que não me dizes o que é que *tu* pensas que fiz?

— Roubaste a minha agência!

Eu tinha estado sentado numa sala de espera vazia e acabara de me levantar, começando a caminhar de um lado para o outro.

— Isso não é verdade, meu caro! A Madgic ainda é tua. Limitei-me a seguir os teus passos fundando a minha própria agência.

— Com os *meus* clientes!

— Não! Com os *meus* clientes! Não te esqueças de que fui eu quem os angariou!

— Angariaste-os enquanto trabalhavas para mim, com o meu nome, o meu dinheiro, a minha agência e a minha criatividade! — exclamei, tentando manter o tom de voz controlado.

— Bem, isso é discutível... Eu era teu sócio, portanto não trabalhava *para ti*. Além disso, estás a esquecer-te da criatividade do Ralph e da Cory, mas não interessa. Os clientes é que decidem a quem querem recorrer, e estes decidiram seguir-me. Tu abandonaste-os e eu ajudei-os. Como é que os podes culpar por isso?

— Não é a eles que eu culpo, mas a ti! Disseste que te ocuparias de tudo por mim!

— E fiz exatamente o que te disse que faria... ocupei-me dos clientes!

— Independentemente de quantas voltas deres à questão, não passas de um traidor, Kyle! Confiei em ti e tu apunhalaste-me pelas costas enquanto eu andava no hospital a cuidar da minha mulher! Sabes, o Diabo tem um lugar especial no Inferno para a gentalha como tu!

— Não me venhas com moralismos, pá! Não é nada pessoal, apenas negócio. Estou a fazer pela vida e o mesmo se passa com os meus clientes.

— Hei de atirar-te ao tapete, Kyle! Hás de cair juntamente com esse outro traidor do Ralph! Não te vais safar assim tão facilmente!

Kyle ficou sem palavras durante algum tempo.

— Bem, boa sorte com isso... — acabou por responder, desligando em seguida.

McKale tivera razão acerca dele desde o início.

Hesitei sobre se devia ou não contar o sucedido a McKale e acabei por decidir não lhe falar do assunto enquanto não soubesse exatamente quão má era a nossa situação. Mas, como sempre, a minha mulher percebeu que algo não estava bem.

— Sempre chegaste a falar com o Kyle?

— Cheguei — respondi, sentando-me na cadeira ao lado da sua cama de hospital.

— E o que é que se passa? — perguntou, fitando-me indefesa e vulnerável.

— Sabes como é... São os problemas do costume: muito trabalho e prazos apertados! Terei de voltar ao trabalho na segunda-feira — respondi, estendendo o braço e apertando-lhe a mão com carinho.

— Eu sei que tens de voltar ao trabalho... — confirmou ela, olhando-me com um ar triste. — Desculpa ter-te tomado tanto tempo.

— Não tomaste nada que não fosse teu — respondi-lhe.

McKale esboçou um sorriso muito sumido.

— Como está o Kyle?

— Tem andado ocupado... — respondi, tentando disfarçar a minha fúria.

— Imagino! Fiz mesmo uma ideia errada dele! — comentou, revirando os olhos como quem se achava muito parva.

— Pois. Ele tem sido mesmo... inexcelável! — exclamei, depois de olhar para ela por momentos.

— Este ano devíamos recompensá-lo com uma bonificação choruda no Natal!

Não consegui aguentar mais.

— Tenho de ir à casa de banho — disse-lhe.

Percorri o corredor até ao WC, fechei-me lá dentro e pontapeei o caixote de plástico até o partir.